

ASPECTOS TERMINOLÓGICOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: A FUNÇÃO DOCUMENTÁRIA EM JOGO

Terminological aspects of Information Science: the documentary function at stake

Cristina Dotta Ortega

*Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal de Minas Gerais
Contato: ortega@eci.ufmg.br*

Resumo

Discorre sobre alguns aspectos terminológicos em Ciência da Informação, evidenciados entre idiomas, mas principalmente em sua transposição para o Brasil, considerando a especificidade da função documentária. Para tanto, faz uso de textos sobre a terminologia documentária, desde aqueles que indicam as escolhas terminológicas iniciais do campo, até os que buscam conceituar a função documentária. Trata do uso dos adjetivos documental e documentário, elencando sua variação entre alguns idiomas; no caso do Brasil, apresenta elementos do percurso de construção desta faceta da terminologia do campo. Finaliza ressaltando a necessidade de se reconhecer os termos e os conceitos que singularizam o campo, no que tange às ações sobre documentos voltadas à comunicação da informação a públicos determinados.

Palavras-chave: Função documentária; Terminologia documentária; Documento; Documentação

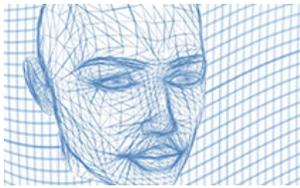
Abstract

It discourses about some terminological aspects in Information Science, evidenced between languages, but mainly in its transposition to Brazil, considering the specificity of the documentary function. In order to do so, texts about the documentary terminology are used, starting from those that indicate the initial terminological choices in the field, and proceeding until those that seek to conceptualise the documentary function. It deals with the use of the adjectives *documental* and *documentário*, listing their variation among some languages. In the case of Brazil, elements of the course of construction of this field terminology facet are presented. It concludes by emphasising the need for recognition of the terms and concepts that singularise the field, regarding the actions about documents focused on the communication of information by specific communities.

Keywords: Documentary function; Documentary terminology; Document; Documentation

1 Introdução

A terminologia de especialidade de um campo é o conjunto de termos que representa de forma única e o mais precisamente possível as ideias e questões que o explicam e justificam. Esse conjunto de termos exerce papel essencial no trabalho de cientificização do campo, operando, por este motivo, como parâmetro para verificação de seu nível de consolidação. Um campo de conhecimento não se constitui linearmente; ao contrário, várias concepções manifestam-se simultaneamente e sob a primazia de umas sobre as outras. Esse feixe de visões de mundo de um campo é, assim, demonstrado por sua ter-



minologia, a qual, mesmo que instável, e por esta razão mesma, deve ser estudada e compreendida.

Deste modo, a função documentária é aqui colocada como emblemática das atividades sobre documentos que objetivam a comunicação da informação a públicos determinados. Trata-se de função social que, com o tempo, foi profissionalizada e cientificizada.

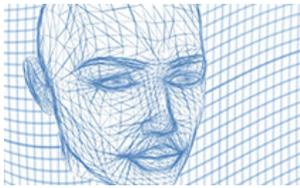
O objetivo deste trabalho é discorrer sobre alguns aspectos terminológicos em Ciência da Informação, evidenciados entre idiomas, mas principalmente em sua transposição para o Brasil, considerando a especificidade da função documentária.

Para tanto, foram selecionados textos que se debruçam sobre a construção da terminologia documentária, desde aqueles que indicam as escolhas terminológicas iniciais do campo, até os que buscam conceituar a função documentária. Os conteúdos destes textos foram explorados visando observar alguns dos percursos terminológicos de construção, sedimentação e dispersão do lugar teórico da Ciência da Informação, em especial, no Brasil. Foram usados também alguns textos que contribuem para a compreensão da formação de palavras em língua portuguesa. Quanto a estes, pequena incursão foi feita de modo a buscar verificar quais poderiam ser as derivações mais corretas no que tange ao funcionamento da língua.

2 A proposta terminológica em torno das ações sobre documentos

Após séculos de práticas de produção de bibliografias e de constituição de acervos de bibliotecas, seus catálogos e serviços, juntamente com o registro de decisões, recomendações e reflexões na forma de manuais e outros textos, no século XIX ocorreu movimento que se aproximou a uma disciplinarização da Bibliografia e da Biblioteconomia. Na passagem do século XIX para o XX, de outro modo, a Documentação foi proposta por Paul Otlet a partir de projeto simultaneamente teórico e prático, cuja concepção foi sustentada por terminologia própria.

No decorrer do século XX, por sua vez, as pesquisas de cunho teórico e de proposição de métodos de organização e serviços de informação foram ampliadas e tornaram-se comuns. A despeito dessa trajetória, nunca se fez tão necessário retomar e aprofundar os aspectos terminológicos em Ciência da Informação. A questão que se coloca é a de

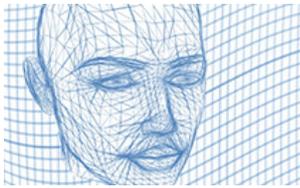


que as vertentes ou disciplinas constituintes do campo manifestam-se como ênfases próprias relativamente sobre os mesmos objetos, e elaboradas por meio de terminologias correspondentes. Assim, a Bibliografia demonstra a origem da forma adjetiva bibliográfico, tanto como, em Documentação, foi proposta a forma adjetiva documentário.

A ideia de 'bibliográfico' merece discussão, uma vez atrelada ao objeto livro no imaginário social, mas apresentando significado histórico e aplicações atuais mais amplos. Com base em Rendón Rojas, segundo tratamos em outro trabalho, a palavra *biblos*, em seu sentido original no pensamento grego e helenista, permite falar em bibliográfico como aquilo que inclui “não só o livro em seu sentido contemporâneo, enquanto objeto de determinada forma e elementos que o estruturam, mas todo tipo de objeto operado segundo fluxos informativos por meio de sistemas e atividades específicas” (ORTEGA, 2016, p. 50). Deste modo, a despeito do entendimento do senso comum que relaciona bibliográfico a livros e outros escritos, em geral, monográficos, é preciso constatar, seja pela historicidade do radical do adjetivo, seja pela prática contemporânea, que qualquer objeto físico pode funcionar informacionalmente, ainda que alguns tipos sejam privilegiados.

Por sua vez, considerando que a Biblioteconomia surge a partir das práticas realizadas em bibliotecas, sua relação com a Bibliografia é necessária à compreensão do campo. Como afirma Meneses Tello (2007, p. 117), a bibliografia, como ferramenta da pesquisa bibliográfica, e a biblioteca, como sistema de acervos e serviços bibliotecários, são fenômenos intelectuais a disposição dos usuários que buscam satisfazer necessidades sociais de informação. Assim, as bibliografias são, em grande medida, produzidas em bibliotecas, além de funcionarem como fontes de informação a seus usuários, relativas a documentos existentes ou não em seus acervos. De outro modo, podemos dizer que as bibliotecas, como outros ambientes congêneres, são espaços de trabalho bibliográfico que realizam também a gestão de acervos e serviços ao público.

Otlet, buscando ressignificar o trabalho com bibliografias de seu tempo para além do foco no livro e do contexto da cultura erudita, e contrapondo-se às práticas das bibliotecas, centradas em acervos de livros e periódicos tratados em seu todo, desafia a abordagem empírica predominante, e desenvolve a ideia de documento, de unidade documentária e de conteúdo temático. Promove, assim, a ampliação dos tipos de documentos como princípio de trabalho, propõe métodos de tratamento voltados às suas partes como



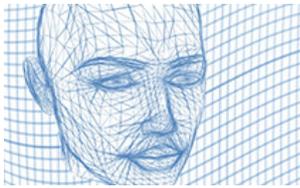
unidades intelectuais, e desenvolve instrumentos para o tratamento temático mais refinado dessas unidades. Como apresentamos a seguir, o substantivo documentação e o adjetivo documentário mostraram-se produtivos para contemplar esta atividade técnica sobre documentos.

No entanto, se o adjetivo bibliográfico necessita de revisitação conceitual, o adjetivo documentário apresenta suas próprias instabilidades de uso. Para Meyriat (2016, p. 240), em texto produzido em 1981, ao buscar identificar o campo científico que teria o documento como objeto de estudo, fica-se diante dos termos derivados documentação e documentologia, entre outros, cuja aceção varia segundo os autores. O autor, então, desenvolve raciocínio aparentemente circular, mas que reflete a interdependência entre termos e conceitos, ao afirmar que ‘documentação’ necessita da palavra que fornece seu radical para ser compreendida, mas a definição de documento não se impõe como uma evidência inicial, pois depende dos pontos de vista e dos métodos da documentação e da documentologia.

Segundo Blanquet (1993, p. 199), os historiadores de palavras afirmam que ‘documentação’ surge em 1870, a qual foi precedida, em 1769, pela forma verbal documentar, definida como apoiar sobre documentos, fornecer documentos. Segundo esta autora, esse significado confirma a ideia de documento como prova, ou como ilustração de um discurso ou de uma afirmação.

A terminologia a que nos referimos, no entanto, segundo Blanquet (1993, p. 199) e vários outros autores que se debruçam sobre o tema, foi construída por Otlet, em seu *Traité de Documentation*, publicado em 1934. Segundo Otlet (2015, p. 13, parte 122, 7), o radical documento levaria à série: substantivo documento (*document*), indicando o objeto composto por signo e suporte, em relação com o substantivo documentação (*documentation*), no sentido da ação de documentar e conjunto de documentos, de onde decorre o adjetivo documentário (*documentaire*), ou seja, o adjetivo é relativo ao substantivo documentação, entre outras derivações.

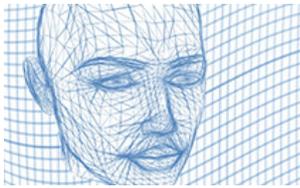
Partindo dos estudos bibliológicos, para Otlet, há validade em construir a terminologia a partir de ‘documento’, pois a palavra indica sentido mais geral que livro ou *biblion* – diminutivo de *biblos* (HARPER, 2017) –, pois o atraso das práticas do mundo do livro teria conduzido a nomenclatura que não considera outros objetos e noções. Otlet afirma que, no



que se refere à terminologia técnica, nos últimos 10 anos (portanto, entre os anos 1920 a 1930), ocorreram muitos avanços, a partir dos quais é possível expressar em um termo o que antes se fazia a partir de três ou quatro palavras. Ele faz menção à XI Conferência Internacional do Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), ocorrida em 1932, em Frankfurt, em que o problema terminológico e conceitual do documento e da documentação foi discutido (SAGREDO FERNÁNDEZ; IZQUIERDO ARROYO, 1982, p. 162). Otlet, tendo como referencial a Bibliologia, observa que, assim como para a Sociologia em geral, seus termos constitutivos são tomados da linguagem usual, faltando a ela uma nomenclatura, ou seja, um conjunto de termos especializados que fixem o sentido convencional dos termos usuais. Ele fala da necessidade de dispor de um vocabulário de termos gerais e de adjetivos suficientemente extensos, regulares e adequados para expressar as ideias gerais, os conjuntos e as propriedades comuns do campo (OTLET, 2015, p. 12, parte 122, 1 e 5). Reitera, mais à frente, que a terminologia está em atraso quanto aos fatos, pois um termo genérico que abarque todas as categorias de pessoas que têm interesse nos livros, assim como, termos que contemplem cada uma das diversas formas de se ocupar do livro são necessários; por este motivo, os neologismos documentalista e documentador foram experimentados (p. 393, parte 415, b).

Quanto ao adjetivo documentário, no *Traité*, Otlet não só o propõe, como o adota em todo o texto, o que também ocorre no livreto *Qu'est-ce que la documentation?*, de Suzanne Briet (1951), entre outros textos produzidos no período e posteriormente. Mas é possível que o uso do adjetivo tenha avançado em cientificidade a partir dos anos 1960, na França, com os estudos sobre técnicas e instrumentos de recuperação da informação baseados nos aportes da linguagem, e apoiados por computadores, realizados por Marcel Van Dijk (1964), René-Charles Cros, Jean-Claude Gardin e Francis Lévy (1964), Jean-Claude Gardin (1966), Maurice Coyaud (1966), Jacques Chaumier (1971), entre outros. Alguns dos termos presentes nestes livros são: *langage documentaire*, *information documentaire* e *recherche documentaire*.

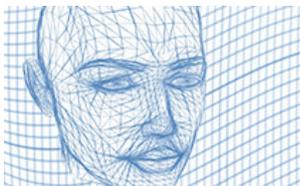
Embora também tenha havido produção em língua inglesa neste período em abordagem similar à desenvolvida em francês, as palavras documento, documentação e documentário não foram nem são hoje adotadas naquela língua. Ou seja, a despeito de aquele período indicar preocupações comuns em torno do tema, orientações distintas fi-



zeram-se marcantes nas décadas seguintes, como demonstra a terminologia em torno do radical document-, que caracteriza a orientação francesa, mas é inexistente na orientação anglo-americana.

Por sua vez, na Espanha, o campo desenvolveu-se significativamente em torno do pensamento otletiano, do que decorre que, a terminologia correspondente seja adotada neste país. Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo (1982, p. 165) realizam uma reflexão sobre o documento, infelizmente produzida apenas em sua primeira parte, mas que prometia em sua continuidade a análise do documento em uma perspectiva construtiva-funcional, como segue. Partindo de um modelo de comunicação humana, os autores consideram o documento como mensagem, funcionando como suporte de memória para conservação no tempo de um conteúdo comunicativo (que não é a informação). O documento é entendido como algo observável e colocado em relação com os outros elementos constituintes do modelo, quais sejam: emissor, receptor (ou destinatário), objeto (ou referente), código linguístico-cultural, sociedade, meio (ou canal), ruído e contexto discursivo. Esta definição de documento de caráter simbólico-abstrato implica um conceito tal que abarca tipos possíveis de documentos, portanto, ainda não ‘descobertos’. Os autores afirmam que passam do ‘processo documental’ para o ‘processo documentário’, conduzindo sobre este termo as conclusões definicionais sobre documento. Deste modo, os autores caminharam no sentido de desenvolver um conceito de documento como mensagem em suporte físico, cuja efetivação denota processo que seria mais apropriadamente chamado de documentário.

Sendo assim, a que se refere o adjetivo documentário? Blanquet (1993, p. 202) discorre sobre a perspectiva histórica do campo, considerando a relação entre as palavras bibliografia e documentação, na perspectiva de uma ‘função documentária’. Para ela, toda profissão responde a questões fundamentais, por meio da construção de dois eixos: um eixo essencial e permanente que representa as funções e saberes fundamentais (Por quê? Para quem?); e um eixo existencial, tributário de variações e de mudanças que representa os métodos, as técnicas, os *savoir-faire* e os equipamentos ou ferramentas utilizadas para assegurar as funções (Como?). A pergunta fundamental na construção destes dois eixos é saber qual é o grau de solidariedade que relaciona a função à ferramenta, ou seja, a dependência do ‘por que’ ao ‘como’. É preciso verificar se há distinção entre os



dois eixos ou se eles se interpenetram de tal modo que a profissão desaparece quando o equipamento de que ela faz uso torna-se obsoleto.

Blanquet entende que o primeiro trabalho documentário reside na faculdade de memorizar a informação para poder, sob demanda, recuperá-la e comunicá-la. Para tanto, é preciso criar os traços que permitam fazer reviver o passado. No entanto, a Documentação estaria superada se limitada à sua função ‘maquinal’ de memorização. Segundo a autora, pode-se afirmar que os métodos passam, as ferramentas mudam, mas a função documentária fica. Blanquet entende que a Documentação responde a uma necessidade social vital.

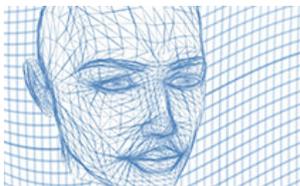
3 Percursos terminológicos da função documentária

Como dissemos, os termos derivados de documento apresentam certa variabilidade de forma e conteúdo que deflagram as diversas apropriações sobre a disciplina Documentação entre os idiomas e em cada um deles, como é o caso dos adjetivos documental e documentário(a). A questão que se coloca é a de que, independente do adjetivo adotado, há duas noções em jogo a serem consideradas e explicitadas: uma relativa ao documento quanto às suas características, como suporte e tipologia, e outra relativa às práticas sobre documentos, por meio de técnicas próprias e instrumentos correspondentes, visando comunicar mensagens a um público.

Desse modo, apresentamos abaixo quadro que busca representar a variabilidade das derivações do termo documento em alguns idiomas latinos por meio da observação de textos técnico-científicos do campo:

Quadro 1: Equivalência entre as derivações do termo documento mais usuais na literatura do campo em francês, espanhol e português de Portugal e do Brasil.

TERMOS	IDIOMAS	REFERENTE A DOCUMENTO	REFERENTE A DOCUMENTAÇÃO
<i>documentaire</i>	francês	X	X
<i>documental</i>	espanhol	X	X
<i>documental</i>	português, de Portugal	X	X
documental (1)	português, do Brasil	X	X
documental (2)	português, do Brasil	X	



documentário (2)	português, do Brasil		X
------------------	----------------------	--	---

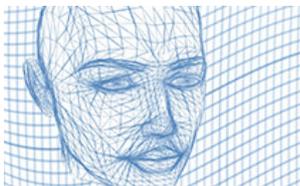
Quanto ao quadro proposto, vemos que somente no Brasil ocorre o uso dos dois termos, comparativamente aos outros idiomas, que fazem uso de um termo para os dois significados indicados, seja '*documentaire*' na França, seja '*documental*' em Portugal e Espanha. Mais que isso, aqui, há variação: documental (1) é usado para os dois significados em algumas escolas, enquanto, em escolas pautadas pela tradução do termo francês '*documentaire*', usa-se documental (2) e documentário (2), cada um com significado próprio. A variação se estende também para a literatura – dominante no país – que não faz uso destes termos, pautando-se por outros adjetivos, em geral, '*bibliográfico*' ou '*informacional*'. No entanto, nem sempre ocorre uma elaboração conceitual propriamente dita pelos pesquisadores ou grupos de pesquisadores destas escolas, ou seja, realizada a partir de escolhas consistentes, sustentadas pela construção teórico-metodológica de disciplinas ou vertentes.

Como vimos, o adjetivo documentário (*documentaire*, em francês) foi indicado como relativo à documentação por Otlet em seu *Traité*, o que foi reforçado anos depois pelos espanhóis Sagredo Fernández e Izquierdo Arroyo. No entanto, atualmente, em francês, usa-se *documentaire* para aquilo que é relativo à documentação, mas também para o que se refere a documento, como *support documentaire*, ou de outro modo, adota-se simplesmente *type de document*.

O adjetivo documentário pode também ser identificado na terminologia linguística, na qual se reconhece algumas das aplicações do instrumental da Linguística, como é o caso do campo da Ciência da Informação. Desse modo, o verbete documentário do Dicionário de Linguística (DUBOIS et al., 1998, p. 203, destaques do autor) apresenta o seguinte conteúdo:

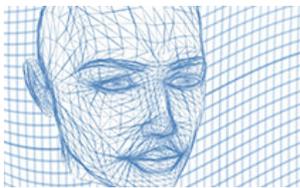
Chama-se *análise documentária* a representação, por meio de termos e de processos sintáticos convencionais, de um certo conteúdo dos documentos (artigos, publicações) científicos com fins de classificação, de pesquisa de informação. Os termos convencionais que servem para codificar os resumos formam o *léxico documentário*; a sintaxe e o léxico convencionais formam uma metalíngua de documentação, que constitui a *linguagem documentária*.

O Dicionário citado foi publicado em 1973 na França e sua primeira tradução brasi-



leira ocorreu em 1978. Frente à proposta de contemplar algumas das aplicações da Linguística, como dissemos, seus autores fizeram uso de textos de pesquisadores da Documentação na França daquele período, quais sejam, Maurice Coyaud, Jean-Claude Gardin, André Deweze e Robert Pagès.

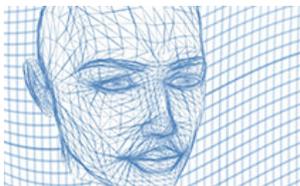
De fato, o adjetivo documentário é adotado hoje no Brasil principalmente na produção científica sob influência da Documentação francesa, cuja tradução do adjetivo *documentaire* foi realizada por Johanna Smit, em função de seus estudos de mestrado e doutorado na França na década de 1970, respectivamente sob a orientação de Jean Meyriat e de Jean-Claude Gardin. Originado no início da década de 1980, por iniciativa desta pesquisadora, o antigo Grupo Temma, da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, ocupava-se dos aportes teóricos e metodológicos aos processos e instrumentos da Documentação, de onde a origem do nome dos estudos que caracterizaram este grupo por muito tempo: Análise Documentária. No entanto, já na década de 1970, em passagem pelo Brasil, Smit fez uso da tradução ‘documentário’ em ao menos duas situações: no artigo publicado no primeiro número de revista voltada a estudos de Semiótica – a revista Significação – fundada pelo então professor da USP Eduardo Peñuela Cañizal, sob o título Análise semântica e análise documentária (SMIT, 1974), e no ciclo de quatro palestras realizadas na ECA/USP, que recebeu o título Linguagem documentária e classificação (SMIT, 1976). No artigo, Smit, fundamentada nos temas em pauta àquele tempo na França, cita textos de Maurice Coyaud, Jean-Claude Gardin, Georges van Slype e Marcel van Dijk, além de textos de pesquisadores da Linguística. Ela fala da relação entre a análise de textos em geral e a análise de textos visando representação para recuperação de conteúdos, ou seja, na perspectiva documentária, buscando estabelecer relações entre os dois processos, já que o primeiro pode não ser aproveitado completamente e de igual modo para o segundo; assim, ela trata da necessidade em definir fronteiras entre linguistas e documentalistas em função de as operações mentais realizadas por eles serem muito próximas. A autora trata também da abordagem taxonômica e da abordagem sintática como exigindo ainda muitos estudos para aplicação na organização da informação, discorrendo sobre a improdutividade de se descrever sistemas de classificação bibliográfica em função das características formais de suas unidades, menos que quanto às suas características estruturais. Como sabemos, estas questões nortearam os estudos do Grupo



Temma a partir da década de 1980; neles, o adjetivo documentário foi usado para caracterizar os conceitos tratados.

No entanto, é preciso esclarecer que o adjetivo documentário estava em uso no Brasil em várias publicações, serviços de informação e outros, antes mesma da tradução apresentada por Smit. Em especial, destacamos a dissertação de Manoel Adolpho Wanderley, defendida no Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), hoje Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em 1973, e publicada em artigo neste mesmo ano da revista *Ciência da Informação* (WANDERLEY, 1973). Sob orientação do linguista Sylvio Edmundo Elia, o autor discorre sobre a relação entre Linguística e Documentação, apoiado por ampla literatura francesa e em inglês, produzida pelos autores já citados, entre outros que também se debruçaram sobre o tema. Wanderley inicia o artigo com a instigante pergunta de que bibliotecários e documentalistas – grupo em que ele se inclui – não estariam fazendo linguística sem o saber, ou ainda, sem a saber, ao criarem linguagens com o intuito de que sejam tão significativas quanto a natural (p. 175). Além de percorrer vários estudos da Linguística, explora autores do seu campo de estudo, buscando tratar das relações entre linguagem natural e linguagem documentária para fins de indexação e recuperação da informação. No entanto, esse uso do adjetivo documentário não foi contínuo e institucionalizado. De fato, o IBBB fez algumas incursões na Documentação até aderir ao nome *Ciência da Informação*, de viés estadunidense, cuja abordagem não reconhece efetivamente aquela disciplina em suas origens.

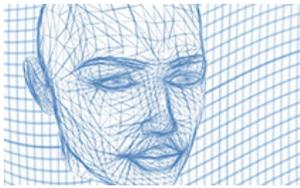
Assim, reforçamos a ideia de que o adjetivo documentário sedimentou-se no Brasil por iniciativa de Smit, em função das atividades de pesquisa e de formação em nível de graduação e de pós-graduação realizadas pelo Grupo Temma, da USP. Mas, perguntamos qual influência a produção de Johanna Smit, realizada em São Paulo, na década de 1970, uma delas em revista de estudos de estudos de Semiótica (1974), poderia ter exercido sobre a tradução do verbete ‘documentário’ adotada no *Dicionário de Linguística* que mencionamos, publicado em 1978. Afinal, o coordenador geral da tradução do *Dicionário*, o professor da USP Izidoro Blikstein, e seus colaboradores, todos professores de universidades públicas paulistas, muito provavelmente frequentavam os mesmos círculos acadêmicos. Por outro lado, independente de esta influência ter ocorrido, perguntamos se esta tradução adotada no *Dicionário* não seria a mais pertinente, uma vez realizada por es-



pecialistas em linguagem.

Quanto às derivações em língua portuguesa, em vista da preocupação em explicitar as escolhas realizadas, os pesquisadores de Ciência da Informação Guimarães, Nascimento e Moraes (2005, p. 135), da UNESP Marília, justificam a opção pelo uso do termo análise documental, e não análise documentária, considerando "o padrão em Língua Portuguesa da derivação dos adjetivos, a partir dos substantivos terminados em -nto (comportamento, monumento, departamento, etc.) ser feita em -al (comportamental, monumental, departamental, etc.)." De fato, estes autores representam a produção científica brasileira pautada pelo uso exclusivo do adjetivo documental.

Em estudo sobre a compreensão da formação de palavras derivadas em língua portuguesa, Santos (1993, p. 11) afirma que, nas gramáticas tradicionais, o tratamento dado aos sufixos não é suficiente, pois não se detém no aspecto criativo da língua e, de um modo geral, carece de análises explícitas, fazendo uso, antes, de listas de exemplos, que de generalizações. A autora afirma (p. 6) que a abordagem adotada nas gramáticas tradicionais é pouco científica, já que os autores se limitam a listar sufixos, dividi-los em categorias (nominais, verbais e adverbiais), atribuindo-lhes um sentido que nem sempre corresponde ao significado que o sufixo exerce na palavra. Segundo ela, falta às gramáticas brasileiras a explicitação do mecanismo que subjaz ao fenômeno da formação de palavras, por meio de regras produtivas. Outro pesquisador que tratou do tema, Silva (1999, p. 64), fala também sobre o caráter restritivo das regras de formação de adjetivos derivados sufixados a partir de nomes, exemplificando, com o sufixo -al, situações de uso recorrente, como as que ocorrem a partir de: partes do corpo (abdominal, braçal, cerebral, dental), lugares (ambiental, colonial, espacial, global), pessoas (autoral, conjugal, patronal, pessoal), tempo (anual, bimestral, semanal, semestral) e evento (acidental, musical, teatral, vital). Ao apresentar estas situações como regras, a autora observa que o falante deveria sempre usar o sufixo -al para partes do corpo, por exemplo, o que não acontece, como no caso de perna, ombro e barriga, entre outros, o que caracteriza este tipo de regra como semiprodutiva, e não como regra produtiva. Silva (p. 91) também trata do sufixo -ário que, acrescido a nomes, apresenta aplicação de: tipicidade, no sentido do que é típico, próprio ou característico de X, sendo X um locativo adotado para objetos em geral (como banco, bancário; alfândega, alfandegário); e valor (como moeda, monetário; subsí-



dio, subsidiário); e outros. Ao explorar as situações de uso do sufixo -ário, a autora conclui que as regras propostas neste caso são sempre improdutivas.

Considerando o descrito anteriormente, seguem regras adotadas para distinguir o uso de sufixo -al ou -ário na formação de adjetivos, ainda que não suficientemente discriminatórias, e apenas quanto aos adjetivos que analisamos aqui:

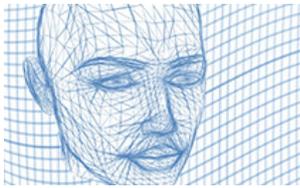
-al: usado para a noção de referência ou pertinência (referente ou pertencente a) ou do que é característico (próprio ou típico de) ao objeto, órgão ou parte do corpo humano ou de animal, lugar, tempo, período, ser, instituição, atividade etc. indicado pelo substantivo (ou pela base nominal) de que derivam.

-ário: usado para vocábulo originalmente latino ou formado no vernáculo ou em outra língua de cultura, em geral com a noção de referente ou relativo a, ou próprio de (AULETE, 2017).

A despeito de algumas semelhanças nos usos, identificamos como principal diferença: o sufixo -al é adotado para a ideia de 'pertencente a', enquanto o sufixo -ário é adotado para a ideia de 'relativo a', além de baseado em vocábulos de origem latina, entre outras situações. Primeiro ponto: a palavra *documentum* tem origem latina (AULETE, 2017). Segundo ponto: considerando os conceitos envolvidos, tratamos de processos, instrumentos e produtos 'relativos à' significação de objetos frente a certos públicos. Por este raciocínio, a forma adjetiva documentário responde pelas regras da língua portuguesa e pelo conceito em questão.

Como vimos, pelas opções feitas originalmente em francês, o adjetivo documentário contempla tanto o documento – objeto que é produto da atividade documentária – quanto aquilo que é relativo à documentação, ou seja, os processos que resultam em documentos. Assim, é necessário falar na tipologia e no suporte dos documentos, no sentido de indicar aspectos dos objetos tornados documentos, como também é necessário falar das atividades que conduziram a esta transformação, por meio de termos derivados da documentação, como: análise documentária, representação documentária, informação documentária, processo documentário, instrumento documentário, produto documentário, fluxo documentário, mensagem documentária, comunicação documentária, linguagem documentária, sistema documentário.

Portanto, reforçamos a questão da especificidade do campo, ressaltando que os



significados dos termos documento e documentação devem ser estudados profundamente de modo a serem adotados segundo referenciais pertinentes. O mesmo vale para os adjetivos derivados construídos no âmbito da disciplina Bibliografia, e para as relações entre as formas bibliográfico, documentário e informacional (como tratamos em ORTEGA, 2016 e em ORTEGA; CARVALHO, 2017 no prelo) –, uma vez que importa antes o objeto e o objetivo que os termos adotados, ao mesmo tempo, em que é necessário considerar que as palavras em contexto promovem significados.

4 Considerações finais

Faltaria investigar se o uso do termo *documentaire* em francês cobre tanto o sentido daquilo que é característico do documento (suporte, tipo) como aquilo que é relativo à documentação (os processos ou os instrumentos), ou se o termo refere-se sempre ao que é relativo à documentação. De qualquer modo, tendo ocorrido ou não um galicismo na tradução da forma francesa *documentaire* para o português documentário, reiteramos o problema do uso indiscriminado dos termos e da indistinção conceitual como empecilho à consolidação da Ciência da Informação.

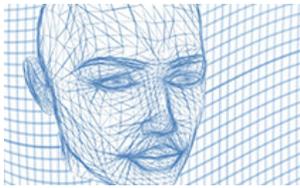
Significa dizer que não se trata da análise de documentos, tais como ocorre na análise literária, na análise do discurso, na análise de conteúdo etc. pois, em sendo os objetivos diferentes, os métodos para alcançá-los também o serão. No campo em questão, o documento é trabalhado na perspectiva de um sistema, por meio de processos de seleção, de ordenação e de representação de suas informações; cada documento é representado um em relação ao outro – como é característico da noção de sistema – em uma estrutura linguística que visa comunicação a um público.

Se o objeto, com suas características físicas e atributos simbólicos, independe do sistema e dos serviços de informação, o documento é produto de ações de significação no contexto desses sistemas e serviços, de tal modo que falamos, no âmbito da Ciência da Informação, em processos, instrumentos e produtos documentários.

Referências

AULETE Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>. Acesso em: 16 jun. 2017.

BLANQUET, Marie-France. La fonction documentaire: etude dans une perspective histori-



que. **Documentaliste - Sciences de l'Information**, v. 30, n. 4-5, p. 199-204, 1993.

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Édit, 1951. 48 p. Disponível em: <<http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

CHAUMIER, Jacques. **Les techniques documentaires**. Paris: Presses Universitaires de France, 1971. (Que sais-je?, 1491).

COYAUD, Maurice. **Introduction à l'étude des langages documentaires**. Paris: Klincksieck, 1966

CROS, René-Charles; GARDIN, Jean-Claude; LÉVY, Francis. **L'automatisation des recherches documentaires: un modèle gènèral "le Syntol"**. Paris: Gauthier-Villars, 1964. (Documentation et information).

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

GARDIN, Jean-Claude. Elements d'un modele pour la description des lexiques documentaires. **Bulletin des Bibliothèques de France**, n. 5, p. 171-182, 1966.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves; NASCIMENTO, Lúcia Maria Barbosa do; MORAES, João Batista Ernesto de. A diplomática como perspectiva metodológica para o tratamento de conteúdo de documentos técnicos. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomin (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 135-160.

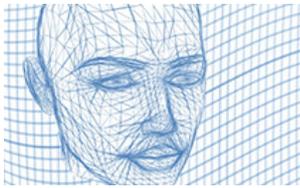
HARPER, Douglas. **Online Etymology Dictionary**. 2001-2017. Disponível em: <http://www.etymonline.com/index.php?term=biblio-&allowed_in_frame=0>. Acesso em: 16 jun. 2017.

MENESES TELLO, Felipe. Dimensiones cognitivas de la bibliografía. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, Medellín, v. 30, n. 1, p. 107-134, ene./jun. 2007.

MEYRIAT, Jean. Documento, documentação, documentologia. Trad. de: Camila Mariana A. da Silva. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 3, p. 240-253, jul./set. 2016. Traduzido de: Document, documentation, documentologie.

ORTEGA, Cristina Dotta. O conceito de documento em abordagem bibliográfica segundo as disciplinas constituintes do campo. **InCID**, Ribeirão Preto, v. 7, n. esp., p. 41-64, ago. 2016.

ORTEGA, Cristina Dotta; CARVALHO, Maria da Conceição. O papel da Bibliografia na construção do conhecimento em Ciência da Informação: o caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, 2017. no prelo



OTLET, Paul. **Traité de Documentation**: le livre sur le livre. Prefácios de: Benoît Peeters, Sylvie Fayet-Scribe e Alex Wright. Bruxelles: Le Mundaneum & Les Impressions Nouvelles, 2015. Fac-símile da edição original de 1934.

SAGREDO FERNÁNDEZ, Félix; IZQUIERDO ARROYO, José María. Reflexiones sobre "Documento": Palabra / objecto. **Boletín Millares Carlo**, n. 3, p. 161-197, 1982.

SANTOS, Icléa Helena. **Formação sufixal de substantivos deadjetivais**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1993.

SILVA, Geraldo Majela Bernardino. **A produtividade de regras formadoras de adjetivos a partir de nomes em português**. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1999.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Análise semântica e análise documentária. **Significação**: Revista Brasileira de Semiótica, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 168-177, 1974. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/90123/92867>>. Acesso em: 12 jun. 2017. Publicada atualmente como: Significação: Revista de Cultura Audiovisual, na Escola de Comunicações e Artes (ECA)/USP.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **Linguagem documentária e classificação**. São Paulo: CDB/ECA/USP, 1976. (Ciclo de quatro palestras).

VAN DIJK, Marcel. **Enregistrement et recherche de l'information documentaire**. Bruxelles: Presses Universitaires, 1964.

WANDERLEY, Manoel Adolpho. Linguagem documentária: acesso à informação: aspectos do problema. **Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, p. 175-217, 1973.